

ÓPERA

NA ACADEMIA
E NA CIDADE

ABERTURAS E COROS DE ÓPERA – SONS DA LIBERDADE –

Academia das Ciências, Lisboa
21 de Novembro de 2024 – 19h00

PROGRAMA

ROSSINI | Guillaume Tell, Abertura

VERDI | Ernani, *Si Ridesi Il Leon Di Castilla*

BEETHOVEN | Fidelio, Abertura

VERDI | I Lombardi, *O Signore, Dal Tetto Natio*

WEBER | Der Freischütz, Abertura

VERDI | Macbeth, *Patria Oppressa*

VERDI | Traviata, Abertura

VERDI | Traviata, *Coro di Zingarelle e Mattadori*

VERDI | Nabucco, Abertura

VERDI | Nabucco, *Va pensiero*

VERDI | La Forza del Destino, Abertura

VERDI | Aida, *Gloria all'Egipto*

VERDI | Il Trovatore, *Vedi le Fosche*

Coro de Câmara Lisboa Cantat
Orquestra da Ópera na Academia e na Cidade
José Ferreira Lobo, direção musical

NOTAS DE PROGRAMA

De liberdade e de várias suas declinações se fala hoje, através de peças orquestrais e corais-orquestrais que atravessam boa parte do século XIX, o século da liberdade dos povos. Realidade que se manifestou, seja: 1) sob a forma de lutas de independência (p.ex., o conjunto das Américas do Sul e Central, excepto as Guianas e ilhas carínicas ou das Antilhas); 2) sob o rosto de lutas pelo outorgamento de direitos e liberdades – as chamadas ‘constituições liberais’ –, de que o nosso próprio Portugal é um lídimo (e sangrento) exemplo; 3) ou na modalidade de lutas (mais ou menos bélicas) de unificação nacional, ou seja: o direito dos povos, ligados por etnia, língua, cultura, confissão religiosa, etc., a constituírem-se como sociedade una e determinarem o seu próprio destino (exemplos, nesse século, da Itália, da Alemanha, ou da Bélgica).

O Egipto, controlado pelos Otomanos desde 1517, passara em 1867 a Khedivato, ou seja, um estado vassalo com grande autonomia, com Ismail Pasha como Khediv (Vice-rei). Na prática, quase independente, mas com suzerania nominal do sultão de Istambul. É nesta altura que abre o Canal de Suez (1869) e a Verdi chega a encomenda de uma ópera para integrar as festividades. Assim nasce a *Aïda*, ambientada no tempo dos grandes faraós, e que estreou no Cairo, na véspera do Natal de 1871. Um ano antes, Verdi vivera a alegria de ver a incorporação da região do Lácio (então Estados Papais) na Itália unificada, com Roma a tornar-se capital da Itália, agora sim unificada, nesse ano de 1871.

Liberdade como anseio irreprímível diante de déspotas opressores: é isso que se canta em *Macbeth*, com os refugiados escoceses expressando a sua tristeza ante o estado da pátria que deixaram, ainda nas mãos sangrentas do rei Macbeth. Ou o que celebra a lenda de **Guilherme Tell**, suposto herói da libertação (no dealbar do séc. XIV) dos 3 cantões fundadores – Uri, Schwyz e Unterwalden – da Confederação Suíça do jugo dos então já poderosos Habsburgos, cujo castelo de origem, aliás, se situa meros 30km a noroeste de Zurique. Em Schiller, autor do mais famoso relato romanesco de Tell, se baseou Rossini para a sua ópera de 1829, com a sua mui famosa Abertura.

Ode à liberdade é a ópera *Fidelio*, antes da *Ode à Alegria* (também sobre Schiller) da *Nona Sinfonia*. Como tantas vezes em Beethoven, traça-se nesta Abertura (e na ópera como um todo) um percurso das trevas (da opressão) para a luz libertadora e redentora.

Também alegoria da aspiração à liberdade é toda a ópera *Nabucco*, ambientada no tempo do cativo do povo judeu na Babilónia (séc. VI a.C.), de que o coro *Va, pensiero* é a mais famosa e bela expressão.

Também longe da sua pátria estão os **lombardos** (= italianos do Norte) na ópera de Verdi, mas aqui por força da expedição de soldados cristãos (a 1.^a Cruzada) que culminará na libertação da Terra Santa e conquista de Jerusalém (1099), rechaçando os muçulmanos. Lembrar, neste caso, que Lombardia e Véneto eram, na altura em que Verdi escreveu esta ópera, províncias do Império Austríaco. A alegoria é clara...

Outra liberdade canta Violetta Valéry, a *Dama das Camélias* do romance de Dumas, em que se baseou Verdi para a *Traviata*: a sua própria liberdade de mulher, de fazer as suas escolhas e decidir o seu destino, num tempo em que era todo-dominante o machismo burguês. Dessa afirmação de liberdade é metáfora o coro que ouvimos: no século XIX, o povo cigano foi amiúde tratado artisticamente como simbolizando a vida vivida em liberdade e não sujeita a convenções.

Ernani tematiza o confronto do modo de vida liberto de normas e obrigações sociais com o modo de vida aristocrata, com os códigos de honra e de conduta inerentes aos ‘gentis-homens’. E, disputado por ambos, o amor. Mas em fundo, ainda e sempre, a condição histórica da mulher: destituída de liberdade, vista como propriedade, sem voz quanto ao destino que quer para si.

Conceito antinómico de liberdade é o destino, pois que o pré-determina e coarcta. É isso que é tematizado na *Força do destino* (1862), onde o amor de Álvaro e Leonora parece condenado desde o início... e sê-lo-á de facto, no final da ópera, com a morte dela (diante dele). Por feliz coincidência, a ópera, encomenda da corte russa, estreou em São Petersburgo mero ano e meio após a abolição da servidão pelo czar Alexandre II, ou seja: os camponeses do Império Russo viam enfim afastado das suas vidas um destino totalmente pré-determinado e obtinham uma centelha de liberdade.

O *Freischütz* é vista ainda hoje como a primeira ópera distintamente alemã da história da música e foi, por isso, erigida como símbolo da então nascente noção de identidade cultural e de costumes dos povos alemães (conceito intimamente ligado à era Romântica) e sua aspiração a uma pátria que todo o reunisse. A ópera estreou em 1821, mas a unificação viria só 50 anos depois. A história do *Freischütz*, essa, celebra a prerrogativa do amor puro entre dois jovens de não depender, nem de pactos com forças negras, nem de costumes atávicos e obsoletos, ambos limitadores da liberdade.

Bernardo Mariano
– Musicólogo –

BIOGRAFIAS

CORO DE CÂMARA LISBOA CANTAT

O Coro de Câmara Lisboa Cantat foi fundado em Janeiro de 2006, como uma das atividades da Associação Musical Lisboa Cantat, e tem desenvolvido importantes atividades no âmbito musical português. O seu repertório é eclético, abordando obras desde o período barroco até ao contemporâneo e apresentando-se tanto *a cappella* como com orquestra (como a Orquestra Metropolitana de Lisboa e a Orquestra Clássica do Sul) ou acompanhado ao piano (salientando-se a parceria com a pianista Joana Barata). É constituído por 16 cantores e é dirigido pelo maestro Jorge Carvalho Alves.

Do seu percurso destacam-se concertos inseridos no Festival “Música em S. Roque”, a participação em numerosas edições dos Dias da Música em Belém, no CCB, e diversas parcerias com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, incluindo a participação nos seus Ateliês de Ópera. A sua discografia abrange gravações em parceria com o Coro Sinfónico Lisboa Cantat dedicadas à divulgação de compositores portugueses, com especial destaque para a obra de Fernando Lopes-Graça.

Com mais de 80 concertos já realizados, tem-se apresentado de norte a sul de Portugal: em Lisboa (Teatro da Trindade e D. Maria II, Igreja de S. Roque, S. Pedro de Alcântara e Sé Patriarcal, CCB e Teatro Thalia); no Porto (Coliseu), Guimarães, Figueira da Foz, Aveiro, Tomar, Caldas da Rainha, Faro, Olhão, Lagos, Espinho, Montijo, Lagoa, Cartaxo, Setúbal e Tavira.

Desde a sua fundação foi dirigido, entre outros, pelos maestros Cesário Costa, Henrique Piloto, Laurent Wagner, Nuno Côrte-Real, Clara Coelho, Marcos Magalhães, Pedro Amaral, Vasco Pearce de Azevedo e pelo seu maestro titular, Jorge Carvalho Alves.

ÓPERA NA ACADEMIA E NA CIDADE

A Ópera na Academia e na Cidade (OAC), associação cultural sem fins lucrativos, nasceu em 2018, como resultado da experiência adquirida com o projecto de larga escala ‘Ópera no Património’ (2017-19), com o apoio de fundos europeus. Os pressupostos deste projecto mantiveram-se válidos na nova estrutura, ou seja: levar a comunidades situadas fora dos grandes centros urbanos concertos e espectáculos operáticos de nível profissional e elevados padrões artísticos.

Produziu e realizou: Rossini – Barbeiro de Sevilha; Henrique Silveira - Crepúsculo do Crítico; Bizet – Carmen; Tchaikovsky – Eugen Onegin; Verdi – Traviata; Saint-Saëns – Sanção e Dalila; Puccini – Butterfly; Puccini – Tosca; Coros de Verdi; Antologia de Zarzuela; Verdi – Visitação à Ópera Rigoletto; Mozart – Visitação à Ópera Le Nozze di Figaro; Visitação à Ópera de Mozart; tal como dos concertos: Cuatro Estaciones Porteñas de Ástor Piazzolla; Concerto em Lá menor para piano e orquestra de R. Schumann; ‘Obras de Manuel Falla’; ‘De W. A. Mozart a Ástor Piazzolla’; ‘As Canções

nos Salões da Corte Portuguesa'; 'A Música e os seus Contextos'; Septeto em Mi bemol Maior de Ludwig van Beethoven; 4ª Sinfonia de Mahler, com orquestração de Ian Farrington; Sheherazade de Rimsky-Korsakov; Concerto para Clarinete em Lá Maior, K.622 de W. A. Mozart; Sinfonia n.º 40, em Sol menor, KV. 550 de W. A. Mozart; Porgy & Bess – Suite para Clarinete e Orquestra de George Gershwin/Frank Villard; West Side Story – Suite para Clarinete e Orquestra de Léonard Bernstein; Sholem-alekhem, rov Feidman! de Béla Kovács; Terzettino de Théodore Dubois; Suite Brève de Ladislav de Rohozinski; Sonata para harpa, viola e flauta de Claude Debussy; 'Viagens pelas Danças da Europa'; 'Poções e Paixões – A Química na Ópera'; 'Ópera e outras Músicas'; 'Divas do Jazz'; bem como das Oratórias de Pergolesi – Stabat Mater; Mozart – Requiem; Brahms – Requiem Alemão; Haydn – A Criação; Jehnkins – Missa para a Paz; Verdi – Requiem; Visitação à Obra de Maurice Ravel; Saint-Saëns – Oratória de Natal; Dan Forrest – Jubilate DEO; Bach – Cantata de Natal; Mozart – Missa Brevis K.220; M.Falla – O Amor Bruxo; L. V. Beethoven – Missa em Dó Maior; e Michele Varriale – Meditazione di Natale (1ª audição em Portugal).

No plano pedagógico, pressuposto fundamental da sua atividade, colabora na realização de conteúdos operáticos, sinfónicos e camerísticos, estabelecendo pontes com as diferentes áreas do conhecimento.

A programação realizada (ópera, concertos e música de câmara) tem a colaboração de prestigiados solistas e maestros internacionais que integram as várias produções da Ópera na Academia e na Cidade. José Ferreira Lobo é o Diretor Artístico desde a sua fundação.

JOSÉ FERREIRA LOBO

Da sua carreira destaca-se a direcção de ópera e concertos na África do Sul, Brasil, Alemanha, Áustria, China, Coreia do Sul, Chipre, Espanha, EUA, Egipto, França, Holanda, Inglaterra, Grécia, República Checa, Eslováquia, Lituânia, Itália, Letónia, México, Polónia, Roménia, Rússia, Cazaquistão, Suíça, Turquia, Colômbia, Venezuela, Argentina, Uruguay, colaborando com formações de renome como a Manchester Camerata, Orquestra Sinfónica Nacional da Lituânia, Orquestra de Cannes, Orquestra Sinfónica da Galiza, Orquestra Sinfónica de Izmir, Orquestra Filarmónica Checa, Orquestra Sinfónica de Istambul, Orquestra CRR de Istambul, Orquestra da Rádio Televisão de Pequim, Orquestra Sinfónica do Teatro Nacional Cláudio Santoro, Orquestra da Rádio Nacional de Holanda, Orquestra Sinfónica do Estado do México, Filarmónica Artur Rubinstein - Lodz, Orquestra Hermitage de St. Petersburg, Orquestra Sinfónica de Zurique - Tonalle, Sinfonietta Eslovaca, Sinfonia Varsóvia, Orquestra Filarmónica de Montevideo, Orquestra Nacional de Atenas, Seoul Classical Players, Orquestra Sinfónica de Roma, Sinfónica de Berlim, entre outras, bem como a colaboração prestada às Orquestras Portuguesas: da Madeira, do Algarve, do Porto e Sinfónica Portuguesa.

Colaborou com artistas consagrados como Krzysztof Penderecki, José Carreras, Júlia Hamari, Katia Ricciarelli, Eteri Lamoris, Regis Pasquier, Aiman Mussakajaieva, Patrícia Kopatchinskaya, Michel Lethiec, Adriano Jordão, Pascal Roger, Moura

Limpany, Svetla Vassileva, José de Oliveira Lopes, Vincenzo Bello, Fiorenza Cossotto entre outros intérpretes de craveira internacional.

Apresentou-se em algumas das mais importantes salas de espectáculo do mundo, sendo convidado a integrar júris de prestigiados Concursos Internacionais. Dirigiu estreias mundiais de compositores franceses, portugueses, suíços e turcos. Possui um amplo reportório que abrange o clássico e o romântico, passando por trabalhos contemporâneos com destaque para a direcção de ópera.

Autor do projecto vencedor do 1º concurso para criação de Orquestras Regionais instituído pelo Estado Português, cria a Orquestra do Norte (1992).

Gravou para a Rádio Televisão e Rádio Difusão Portuguesa e Rádio Suisse - Romande, bem como vários registos áudio e vídeo publicados.

É Director Geral e Artístico da Ópera na Academia e na Cidade.